

Derrotado, PMDB já começa a implodir



Josemar Gonçalves

Liderados por Pimenta da Veiga (C), mineiros dão início à retirada de parlamentares do partido

Chiarelli prevê racha no PFL após votação de mandato

O PFL vai ficar, depois da aprovação do mandato presidencial de cinco anos, como o PMDB, ou seja, dividido, explica o líder da Frente Liberal no Senado, Carlos Chiarelli (RS). Ele acrescenta que, hoje, seu partido contempla duas posições flagrantes e distintas: ficar com o governo ou com a sigla. Em sua opinião, essa questão vai ser decidida na convenção nacional, em 15 de maio.

Para Chiarelli, a votação do mandato dos presidentes da República foi uma expressão fiel do que é o PFL hoje: "Uns querem quatro anos, ou primeiro ser um verdadeiro partido político, enquanto outros preferem os cinco anos, ou primeiro ser governo". Também destaca que essas duas linhas de postura já existiam e somente foram acirradas na votação em plenário.

Contudo, embora reconheça que dentro da bancada na Constituinte, a maioria seja governista, numa base de dois por um, observa que as bases partidárias não pensam dessa forma e querem um rompimento. "Os presidentes de diretório municipais, os delegados partidários e a maioria dos integrantes do PFL querem caminhar sem o governo; o que desvirtua isso é a representação intermediária", salienta.



Chiarelli: avanço sem vitória

"Estão fazendo a festa antes do tempo", diz o senador, para mostrar que é muito cedo para a "turma do Palácio" comemorar uma vitória do presidente José Sarney, com um mandato de cinco anos, já que nas disposições transitórias essa tendência pode se reverter. Lembra que já houve um antecedente quando a Comissão de Sistematização também aprovou cinco anos para os futuros presidentes e quatro para Sarney. Além disso, pensa que haverá uma reação popular que pode prejudicar o governo. "Sarney avançou, mas não ganhou", desabafa.

Senadores devem criar bloco antigovernista

Os senadores peemedebistas que não seguem a orientação do Governo — cerca de 25 — se reunirão hoje para discutir a ideia de se constituírem em bloco de oposição, sob a liderança do senador paulista Fernando Henrique Cardoso que, desse modo, deixaria de ser o líder do conjunto da bancada peemedebista naquela Casa do Congresso, que reúne 43 constituintes.

Fernando Henrique Cardoso explicou ontem a alguns senadores que o procuraram que não pretende deixar o PMDB de imediato, conforme demonstrara na véspera, e que suas declarações constituíram apenas um «desabafo» diante da ampla vitória do Governo na aprovação do presidencialismo. O senador dissera que o «PMDB é o responsável pelo que aconteceu» e que por isso dentro de 48 horas, os «históricos» do partido anunciarão seu desligamento, antes do fim dos trabalhos da Constituinte.

Fernando Henrique disse que a ideia agora é aguardar a votação do mandato do presidente Sarney, por ele definida como uma espécie de «segunda época» para os peemedebistas que na terça-feira votaram pelo presidencialismo e pelos cinco anos. O senador também revelou sua determinação de envolver-se num movimento suprapartidário pela aprovação do mandato de quatro anos para o presidente Sarney.

Na reunião de hoje dos senadores dispostos a ir para a oposição, o pernambucano Mansueto de Lavor procurará que o bloco «abra uma guerra civil» com o objetivo de reconquistar o controle do partido para a corrente mais comprometida com o programa partidário e com as causas populares.

«A gente deve agir dentro da realidade de que o PMDB está dividido em dois: um governista e outro da oposição».

Para Ulysses, a hora não é de dispersão

O deputado Ulysses Guimarães afirmou ontem que, se depender de seu empenho pessoal, nem o senador Fernando Henrique Cardoso nem qualquer outro parlamentar deixará o PMDB em função da esmagadora vitória presidencialista de terça-feira. Segundo Ulysses, o momento é de "juntar esforços e fazer o melhor na Constituinte".

Preocupado com a situação do PMDB depois dos resultados das votações que definiram o sistema de governo e a duração do mandato dos futuros presidentes da República, o deputado Ulysses Guimarães preferiu permanecer em Brasília. Ontem, de manhã, na base Aérea, ele pediu desculpas à mulher, dona Mora, por não poder acompanhá-la na viagem até São Paulo, onde irá se recuperar de uma fratura no colo do fêmur.

De acordo com Ulysses, a expectativa da população com os artigos que tratam de avanços nas relações sociais é muito grande para ser ofuscada por uma crise interna do PMDB. O partido, a seu ver, deve se concentrar para oferecer ao seu eleitorado promessas de campanha. "Temos um compromisso com o social, e através da Constituinte devemos mudar as estruturas que têm prejudicado milhões de brasileiros", afirmou.

Oito deputados do PMDB mineiro, entre os quais o ex-líder Pimenta da Veiga, decidiram ontem deixar o partido, comunicando essa decisão, à noite, ao presidente da executiva peemedebista, Ulysses Guimarães. A deputada Cristina Tavares, de Pernambuco, também formalizou junto à liderança peemedebista na Câmara seu afastamento do partido e o maranhense José Carlos Sabóia protocolou junto ao gabinete de Ulysses sua desfiliação ao PMDB, comunicando, oficialmente, a transferência para o PSB. Neste fim de semana, será a vez do deputado Fernando Lyra sair do PMDB, após conversar, amanhã ou domingo, com o governador de Pernambuco, Miguel Arraes.

Além de Pimenta da Veiga, deixaram o PMDB de Minas os deputados Carlos Cotta, Carlos Mosconi, Otávio Elísio, Mauro Campos, Roberto Brandt, Célio de Castro e Ziza Valadares. Eles ficarão sem legenda até a formação de um novo partido, que vem sendo articulado por descontentes do PMDB em vários estados e que, segundo Pimenta da Veiga, deve ser "um partido social-democrata, moderno, capaz de se posicionar firmemente sobre todas as questões nacionais e não ter a ambigüidade que tem caracterizado o PMDB nos últimos tempos.

Ao ouvir a comunicação do desligamento dos peemedebistas mineiros, Ulysses ainda procurou



ponderar que eles deveriam aguardar a Convenção Nacional do partido, convocada para junho, mas a resposta foi de que a decisão é irreversível.

As razões

Hoje, Pimenta da Veiga ocupará a tribuna da Constituinte para apontar as razões do desligamento, sintetizadas, pelos deputados Célio de Castro e Roberto Brandt, na constatação de que o PMDB afastou-se de todos os compromissos assumidos quando da formação da Nova República.

Na realidade, se essa é uma razão significativa para a atitude dos mineiros, entre os que ficam no PMDB há quem acredita que a motivação maior deles é o total alijamento que estão enfrentando na administração estadual, por fazerem oposição ao governador Newton Cardoso.

O grupo confia também na adesão ao novo partido por parte do senador Ronan Tito e dos deputados Aécio Neves e José Ulysses, além de dezenas de prefeitos, vereadores e deputados estaduais.

Aécio Neves (neto de Tancredo Neves), admitiu que pode aderir ao novo partido, mas ressaltou que de imediato não se desligará do PMDB, em razão de compromissos com suas bases eleitorais.

O deputado maranhense Haroldo Sabóia, do Movimento de Unidade Progressista, também admitiu a ideia de participação no projeto do novo partido e, a exemplo de Aécio Neves, disse que no momento não tem condições de deixar o PMDB. Ele sairia para o novo partido se o mesmo caminho for adotado pelos deputados Jaime Santana (do PFL) e José Carlos Sabóia (que acaba de aderir ao PSB).

Sant'Anna quer unir partido

Salvador — «A carga emocional foi drenada. Está na hora de nos unirmos todos», propôs ontem o líder do Governo na Assembleia Nacional Constituinte, deputado Carlos Sant'Anna, ao manifestar a sua descrença nas avaliações que apontam para um esfacelamento do PMDB após a votação da emenda que assegurou a continuidade do sistema presidencialista na futura Constituição do País.

Ainda eufórico com a vitória «que excedeu a todas as nossas expectativas», o líder do governo na Constituinte afirmou que «o País respira melhor hoje» e desaconselhou atitudes precipitadas tanto da parte das forças governistas vencedoras, quando dos setores do PMDB descontentes com o resultado da votação a favor do regime presidencialista.

Em entrevista ao programa «Bom Dia, Bahia», da TV-Áratu, por telefone, Carlos Sant'Anna assinalou a presença de Waldir

Pires como único dos governadores parlamentaristas a ter ido à Brasília acompanhar a votação da emenda do senador Humberto Lucena. Isto, no entanto, segundo o parlamentar, não deve provocar nenhum tipo de hostilidade ou retaliação do governo Sarney em relação ao governo da Bahia. «Waldir Pires perdeu nessa fase está na hora de nos unirmos. A união será feita, não sei como, mas será», frisou o líder do Governo na Constituinte.

Ladeira

O prefeito de Itabuna e ex-deputado Ubaldo Dantas, que saiu do PMDB na terça-feira magoado com o governador com o governador da Bahia — «ele preferiu apoiar o Centrão no Sul do Estado» — não demonstrava o mesmo otimismo revelado pelo deputado Carlos Sant'Anna. «O PMDB vai começar a rolar ladeira abaixo».